



Concurso Público para provimento de cargos de
Professor de Educação Básica II
Língua Portuguesa

Nome do Candidato

Caderno de Prova 'D04', Tipo 001

Nº de Inscrição

MODELO

Nº do Caderno

MODELO1

Nº do Documento

000000000000000000

00001-0001-0001

ASSINATURA DO CANDIDATO

PROVA

Formação Básica
Formação Específica

INSTRUÇÕES

- Verifique se este caderno:
 - corresponde a sua opção de cargo.
 - contém 80 questões, numeradas de 1 a 80.Caso contrário, reclame ao fiscal da sala um outro caderno.
Não serão aceitas reclamações posteriores.
- Para cada questão existe apenas UMA resposta certa.
- Você deve ler cuidadosamente cada uma das questões e escolher a resposta certa.
- Essa resposta deve ser marcada na FOLHA DE RESPOSTAS que você recebeu.

VOCÊ DEVE

- Procurar, na FOLHA DE RESPOSTAS, o número da questão que você está respondendo.
- Verificar no caderno de prova qual a letra (A,B,C,D,E) da resposta que você escolheu.
- Marcar essa letra na FOLHA DE RESPOSTAS, conforme o exemplo: (A) ● (C) (D) (E)

ATENÇÃO

- Marque as respostas definitivas com caneta esferográfica de tinta preta.
- Marque apenas uma letra para cada questão; mais de uma letra assinalada implicará anulação dessa questão.
- Responda a todas as questões.
- Não será permitida qualquer espécie de consulta, nem o uso de máquina calculadora.
- Você terá 4 horas para responder a todas as questões e preencher a Folha de Respostas.
- Ao término da prova, chame o fiscal da sala para devolver o Caderno de Questões e a sua Folha de Respostas.
- Proibida a divulgação ou impressão parcial ou total da presente prova. Direitos Reservados.

**FORMAÇÃO BÁSICA**

1. Para José Contreras, a concepção que Giroux faz dos professores está ligada à ideia de *autoridade emancipadora*.
Nesse sentido, as escolas se transformam em *esferas públicas democráticas*, ou seja, em lugares onde os alunos
- (A) devem ser treinados para desenvolver as atividades escolares, de forma individual e competitiva, para que encontrem sua vocação no mercado profissional.
 - (B) adquirem habilidades e competências necessárias para o mercado de trabalho competitivo que os aguarda na fase adulta.
 - (C) aprendem e lutam coletivamente por aquelas condições que tornam possível a liberdade individual e a capacitação para a atuação social.
 - (D) procuram coletivamente definir qual espaço escolar representa o ideal para sua formação básica para a vida profissional.
 - (E) decidem, organizadamente, com os professores e equipe técnica da escola, o melhor currículo para a formação geral deles.
-
2. Para Henry Giroux, os docentes são encarados como *intelectuais transformadores*, já que
- (A) têm a importante tarefa de se responsabilizar pela educação das crianças e dos jovens para o desenvolvimento e o progresso da nação.
 - (B) assumem a tarefa de desenvolver o conhecimento como forma de ampliar as condições do aluno de se preparar para a vida produtiva do país.
 - (C) representam o *caminho possível* de desenvolvimento do aluno, num processo crescente para a conquista de sua maturidade intelectual.
 - (D) apresentam um compromisso não só com a transmissão de um saber crítico, mas também com a própria transformação social, por meio da capacitação para pensar e agir criticamente.
 - (E) têm o papel de transmitir o conhecimento historicamente acumulado pela sociedade, assim como o papel do aluno é receber essas informações e colocá-las em prática.
-
3. De acordo com o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, o trabalho do professor NÃO consiste simplesmente em transmitir informações ou conhecimentos, mas em
- (A) desenvolver primeiramente as habilidades e competências dos alunos que serão necessárias para o recebimento das informações e conhecimentos, conforme a complexidade e o nexos de cada tema apresentado.
 - (B) ensiná-los corretamente de acordo com cada etapa de desenvolvimento dos alunos, pois, dependendo da idade da criança ou do adolescente, não haverá possibilidade de apreensão de um conhecimento, por exemplo, que exija abstração.
 - (C) buscar as fontes do conhecimento científico, para que o aluno não obtenha de forma superficial uma determinada informação, mas tenha oportunidade de uma aprendizagem competente e consistente.
 - (D) aplicar técnicas diversificadas e diferenciadas, adequadas às faixas de idade dos alunos, para que estes fiquem sempre estimulados a assimilar os conteúdos necessários ao desenvolvimento de cada etapa do ensino.
 - (E) apresentá-los sob a forma de problemas a resolver, situando-os num contexto e colocando-os em perspectiva de modo que o aluno possa estabelecer a ligação entre a sua solução e outras interrogações mais abrangentes.
-
4. Álvaro Chrispino, ao abordar o tema *Educação, Juventude e Violência*, afirma que a educação, apesar da existência de programas importantes,
- I. vem sofrendo com a falta de políticas públicas efetivas de longo prazo que atendam às necessidades da comunidade.
 - II. vem sendo esvaziada pelo afastamento de bons docentes por conta do desprestígio e da perda significativa do valor dos salários.
 - III. vem sendo *sucateada* pela ineficácia dos sistemas de gestão e por recursos cada vez mais reduzidos.
 - IV. não tem se dado conta de que está se tornando cada vez mais insubstituível, pois a *sociedade do conhecimento* exige um ensino democrático, apesar da violência escolar, que afasta os melhores das escolas públicas.
- Está correto o apresentado em
- (A) I, II e III, apenas.
 - (B) I, II e IV, apenas.
 - (C) I, II, III e IV.
 - (D) II, III e IV, apenas.
 - (E) III e IV, apenas.



5. Segundo Antoni Zabala, os conteúdos de aprendizagem
- (A) são todos os conhecimentos definidos como válidos à formação integral do indivíduo, ou seja: noções; ideias; conceitos; princípios; teoremas, e as definições consideradas modelares pelos especialistas de cada área do conhecimento.
 - (B) são todos os conhecimentos científicos escolhidos para serem os saberes escolares necessários à formação geral do educando, de acordo com a proposta elaborada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs.
 - (C) não podem deixar de se basear nos conhecimentos científicos, porque são estes conteúdos que constituem a base da verdadeira formação que o educando precisa para a vida adulta produtiva e porque transmiti-los é a função da escola.
 - (D) são todos aqueles que devemos aprender, mas em relação fundamentalmente aos conhecimentos das matérias ou disciplinas tradicionais que a escola apresenta aos educandos como necessários à formação básica e propedêutica.
 - (E) não se reduzem unicamente às contribuições das disciplinas ou matérias tradicionais; portanto, também serão conteúdos de aprendizagem todos aqueles que possibilitem o desenvolvimento das capacidades motoras, afetivas, de relação interpessoal e de inserção social.

6. *É possível ler na escola? Esta pergunta pode parecer estranha: por que por em dúvida a viabilidade da leitura numa instituição cuja missão fundamental foi, e continua sendo, precisamente a de ensinar a ler e escrever?*

Para Delia Lerner, essa questão indica que

- (A) a falta de sólida formação teórica e compromisso do professor das escolas do ensino público têm prejudicado o desempenho da leitura e da escrita dos alunos.
- (B) o tratamento da leitura feito pela escola é fictício, começando pela imposição de uma única interpretação possível.
- (C) o ensino da leitura e da escrita ainda requer um tratamento específico por parte da escola, dada as mudanças sofridas pelas reformas da Língua Portuguesa.
- (D) a mudança da organização escolar de série para ciclo tem gerado efeitos negativos no processo de ensino, em particular, na leitura e escrita.
- (E) o desconhecimento da linguística por parte dos professores é uma lacuna que precisa ser repensada ao se planejar os cursos de formação.

7. *Notas e conceitos são superficiais e genéricos em relação à qualidade das tarefas e manifestações dos alunos. Embora considerados mais precisos e menos arbitrários pela maioria dos educadores e leigos, eles representam um forte entrave ao entendimento dos percursos individuais de aprendizagem.*

Para Jussara Hoffmann, notas e conceitos classificatórios:

- I. padronizam o que é diferente, despersonalizando as dificuldades e avanços de cada aluno.
- II. superficializam e adulteram a visão da progressão das aprendizagens e do seu conjunto, tanto em uma única tarefa quanto em um ano letivo, pelo caráter somativo que anula o processo.
- III. fornecem informações que orientam a melhoria dos desempenhos dos estudantes durante o processo, de modo a evitar o acúmulo de problemas.
- IV. baseiam-se em certos e errados absolutos, possibilitando o uso desses parâmetros em diferentes condições de aprendizagem.
- V. produzem a ficção de um ensino homogêneo pela impossibilidade de acompanhar a heterogeneidade do grupo.

Está correto APENAS o que se afirma em:

- (A) I, II e III.
- (B) I, II e V.
- (C) II, III, IV e V.
- (D) III, IV e V.
- (E) IV e V.

8. *Levantamento de dados estatístico-educacionais de âmbito nacional feito junto a todos os estabelecimentos de ensino, das redes pública e privada; representa o principal instrumento de coleta de informações da educação básica, que abrange as suas diferentes etapas e modalidades: ensino regular (educação infantil e ensinos fundamental e médio), educação especial e educação de jovens e adultos (EJA); apresenta dados sobre estabelecimentos, matrículas, funções docentes, movimento e rendimento escolar, gerando um conjunto de informações para a formulação, implementação e monitoramento das políticas educacionais e avaliação do desempenho dos sistemas de ensino.*

Trata-se do

- (A) Plano Plurianual do Ministério da Educação.
- (B) Plano de Desenvolvimento da Educação.
- (C) Censo Escolar.
- (D) EDUDATA do INEP/MEC.
- (E) Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio (PNAD) do IBGE.



9. *Um mesmo problema pode ser resolvido de diversos modos. Há igualmente muitos caminhos para se validar ou justificar uma resposta ou argumento.*

Para a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo entende-se por competências cognitivas

- (A) o conjunto de ações e operações mentais que o sujeito utiliza para estabelecer relações com e entre os objetos, situações, fenômenos e pessoas que deseja conhecer.
- (B) os níveis de conhecimentos exigidos para se processar determinada informação recebida, de forma a identificar o coeficiente intelectual do aluno.
- (C) as condições de aprendizado que uma criança deve apresentar ao entrar na escola, sem a qual não há possibilidade de aprendizado real.
- (D) o grupo de habilidades mentais que todo aluno precisa adquirir para conseguir ter compreensão completa de um determinado conhecimento.
- (E) a união de vários quesitos favoráveis à aprendizagem verdadeira, como as inteligências: cognitiva, emocional, linguística, espacial e cinestésica.

10. O Sistema de Ensino do Estado de São Paulo prevê que o regime de progressão continuada, no ensino fundamental

- I. pode ser organizado em um ou mais ciclos.
- II. deve, no caso de opção por mais de um ciclo, adotar providências para que a transição de um ciclo para outro se faça de forma a garantir a progressão continuada.
- III. deve, no caso de opção pelo sistema de séries, providenciar para que o aluno não possa ser detido de uma série para outra, incumbindo a unidade escolar de providenciar processo de recuperação paralela a atividades de aceleração.
- IV. deve garantir a avaliação do processo de ensino-aprendizagem, o qual deve ser objeto de recuperação contínua e paralela, a partir de resultados periódicos parciais e, se necessário, no final de cada período letivo.

Está correto o que se afirma em

- (A) I, II e III, apenas.
- (B) I, II, III e IV.
- (C) I, II e IV, apenas.
- (D) II, III e IV, apenas.
- (E) III e IV, apenas.

11. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, o reconhecimento de identidades pessoais é uma diretriz para a Educação Nacional, no sentido do reconhecimento das

- (A) características individuais de cada criança ou adolescente na definição metodológica do ensino, para que se possa realmente alcançar uma escola inclusiva de qualidade, comprometida com todos os alunos.
- (B) necessidades individuais das crianças e dos adolescentes, tanto no campo afetivo, quanto em relação às deficiências cognitivas e linguísticas específicas, próprias de cada grupo socioeconômico e cultural.
- (C) diferentes culturas existentes entre as crianças e adolescentes, jovens e adultos da escola pública, para que se possa desenvolver um trabalho educativo que minimize os *déficits* culturais existentes.
- (D) diversidades e peculiaridades básicas relativas ao gênero masculino e feminino, às variedades étnicas, de faixa etária e regionais e às variações socioeconômicas, culturais e de condições psicológicas e físicas presentes nos alunos de nosso país.
- (E) variedades de comportamentos que existem entre os alunos, como demonstrado pela psicologia do desenvolvimento, exigindo que o professor aprenda a prever e controlar o comportamento de qualquer educando.

12. O Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (IDESP), indicador que avalia a qualidade da escola, tem como pressuposto que uma boa escola é aquela em que

- (A) a maior parte dos alunos apreende as competências e habilidades requeridas para a sua série, num período de tempo ideal – o ano letivo.
- (B) o ensino oportuniza uma formação integral a todos, de forma a tornar os alunos críticos e conscientes de sua responsabilidade de aprender.
- (C) os alunos podem discutir sua cultura sem medo de serem excluídos, por meio de um ensino uniformizado e padronizado.
- (D) todos os professores estão comprometidos com um ensino que considera as necessidades diferenciadas de conhecimento de cada grupo socioeconômico e cultural.
- (E) o currículo e o ensino são organizados de acordo com as necessidades culturais e discutidos com toda a comunidade, de forma sistemática.



13. Segundo Andy Hargreaves, o professor como catalisador da sociedade do conhecimento deve, dentre outros componentes,
- (A) elaborar planos de aula sempre com os seus pares; decidir o projeto pedagógico no conjunto de segmentos da escola: professores, técnicos, pais e alunos.
 - (B) ensinar por meio das formas como foi ensinado; ter segurança de suas ações sem correr riscos de erros no processo de ensino; aprender a trabalhar individualmente e em equipe.
 - (C) desenvolver a inteligência individual de seus alunos; aprender a elaborar práticas educativas que estimulem a competitividade, a autoconfiança e autonomia do aluno.
 - (D) estimular a participação de entidades sociais do entorno da escola na construção do currículo; desenvolver a aprendizagem metacognitiva.
 - (E) promover a aprendizagem cognitiva profunda; comprometer-se com aprendizagem profissional contínua; trabalhar e aprender em equipes de colegas.

14. Para fins de aplicação do disposto na Lei Complementar nº 1.078/2008 (Institui Bonificação por Resultados – BR), considera-se, dentre outros:
- I. Indicador global: índice utilizado para definir e medir o desempenho de toda a Secretaria da Educação.
 - II. Indicador específico: índice utilizado para definir e medir o desempenho de uma ou mais unidades de ensino ou administrativas.
 - III. Meta: valor a ser alcançado em cada um dos indicadores, globais ou específicos, em determinado período de tempo.
 - IV. Índice de cumprimento de metas: a relação percentual estabelecida entre o valor do indicador global e o indicador específico.
 - V. Índice agregado de cumprimento de metas: consolidação dos índices a partir do valor alcançado pelos diferentes segmentos da escola: professores, equipe dirigente, grupos de apoio e alunos.

Está correto APENAS o apresentado em

- (A) I, II e III.
 - (B) I, II e V.
 - (C) II, III e IV.
 - (D) III, IV e V.
 - (E) IV e V.
15. *É uma questão de tempo e de forma, de condições diferenciadas de aprendizagem: clima pedagógico, resgate de apresentações mentais prévias, forma de apresentação da matéria, estratégias de mediação acionadas, disponibilidade de tempo para o ensino e para estudo, utilização de material didático adequado ...*
- Por isso, Celso Vasconcellos afirma que
- (A) todo educando é um ser adaptável; é preciso introduzir os conhecimentos novos a partir dos já conhecidos para que se possa atingir o equilíbrio: a adaptação cognitiva.
 - (B) o indivíduo se torna competente porque apresenta capacidade intelectual, o que favorece seu aprendizado.
 - (C) os professores precisam aprender a criar condições para que o aluno se sinta seguro em seus estudos; portanto, sem cometer erros e reconhecer-se apto a aprender.
 - (D) todo ser humano é capaz de aprender; se não está aprendendo, tem de ser ajudado e não rotulado ou excluído.
 - (E) as pessoas não são simples “sacos vazios” em que se depositam os conhecimentos; é preciso dosar os conhecimentos e sua transmissão ser feita de forma didática.

16. *É importante frisar que uma escola só melhora ao criar melhores situações de aprendizagem, melhores contextos cognitivos, melhor ecologia cognitiva, melhores interações geradoras de vibração bio-psico-energética do sentir-se como alguém que está aprendendo.*

No trecho selecionado, Hugo Assmann enfatiza uma perspectiva sobre os processos que criam situações de aprendizagem, nas quais todos possam *despertar-se como sujeitos e cidadãos*. Segundo o pensamento do autor, NÃO colabora para que isso ocorra no cotidiano das escolas

- (A) o reconhecimento de que o que está em jogo é o direito das crianças e dos jovens à educação, assim como a autoestima e a alegria de viver dos docentes.
- (B) a resistência em encarar o processo pedagógico como tal, insistindo-se na ideia de que a melhoria dos recursos para educação (infraestrutura material condizente, disponibilidade de recursos funcionais, gestão) é pré-condição para a renovação pedagógica.
- (C) o enfrentamento do *apartheid* neuronal em relação ao potencial cognitivo dos aprendentes (alunos e alunas).
- (D) o fortalecimento da ideia de que a educação deve preparar o alunado para a flexibilidade máxima, não importando as diferentes situações de aprendizagem.
- (E) a equiparação radical entre processos cognitivos e processos vitais.



17. Marie-Nathalie Beaudoin e Maureen Taylor abordam o problema do *bullying* e do desrespeito nas escolas considerando a interação entre muitos fatores que contribuem para sua ocorrência. São fatores contextuais que podem concorrer para incentivar esses problemas na escola:
- práticas pedagógicas que incentivam a competição como único elemento motivador.
 - presença de regras determinadas externamente e implementadas de formas diversas por pessoas diferentes.
 - acompanhamento familiar e apoio escolar realizado sem afeto.
 - pressão sobre professores e alunos com vistas à produção de resultados concretos.
 - primazia das aprendizagens em relação às notas e desempenhos em testes.
 - excesso de avaliações e exposição ao estresse.
- Está correto o afirmado em
- I, II, III, IV e V.
 - I, II, III e IV, apenas.
 - I, II, IV e VI, apenas.
 - II, IV, V e VI, apenas.
 - III, V e VI, apenas.
-
18. Isabel Solé e Cesar Coll afirmam que as idéias forjadas, pelo professor, ao longo da experiência profissional, sobre o que significa aprender na escola e sobre como se pode ajudar os estudantes nesse processo, constituem sua concepção de aprendizagem e de ensino. Agrupam as concepções mais difundidas entre os docentes em três tipos, a saber:
- domínio de conteúdos disciplinares, estoque de memória e intercâmbio entre informações.
 - exercício de competências, domínio de conteúdos disciplinares e construção de conhecimentos.
 - processamento de informação, cópia e recriação do conhecimento.
 - aquisição de respostas certas, aquisição de conhecimentos relevantes e construção de conhecimento.
 - aquisição de respostas certas, exercício de competências e apropriação de conhecimentos.
-
19. As estratégias de ensino apresentadas por Robert Marzano, Debra Pickering e Jane Pollock para melhorar o desempenho escolar dos alunos foram baseadas em
- observação direta e extensiva dos processos de ensino e aprendizagem em escolas que resultaram nas evidências de eficácia das estratégias.
 - pesquisa das práticas profissionais de professores e respectivos resultados de aprendizagem.
 - estudos científicos sobre estratégias de ensino e a metanálise para determinar o tamanho do efeito dessas estratégias.
 - evidências científicas obtidas da pesquisa em *hard sciences*, aplicadas às ciências humanas.
 - pesquisa-ação realizada em diversos países por grupos de pesquisadores vinculados às escolas.
-
20. Para Philippe Perrenoud, as competências para ensinar devem estar relacionadas a um conjunto delimitado de problemas e tarefas vinculado ao trabalho do professor. A competência *Participar da administração da escola* está vinculada à seguinte tarefa docente central:
- responsabilidade do professor em formar os alunos, tendo em vista que o funcionamento da escola faz parte do *currículo real*, afetando seu trabalho e a formação dos alunos.
 - construção da gestão democrática da escola.
 - delimitação e controle da participação de pais e alunos nas decisões que envolvem o trabalho do professor.
 - influência nos critérios de avaliação de desempenho dos docentes, promovida pelos sistemas de ensino.
 - construção de relações orientadas por práticas patrimonialistas, uma vez que a participação da comunidade não contribui, geralmente, para um projeto de qualidade de ensino.
-
21. A profissionalização do ensino, segundo Tardif, busca renovar os fundamentos epistemológicos do ofício do professor. Por epistemologia da prática profissional, o autor define o estudo do *conjunto* dos saberes utilizados *realmente* pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as suas tarefas.
- Para o autor, os saberes profissionais docentes são
- temporais: provêm da história de vida e da experiência escolar, da experiência prática inicial e daquela desenvolvida ao longo da carreira.
 - plurais: provêm de diversas fontes, são variados e heterogêneos, são ecléticos e sincréticos, têm certa unidade pragmática.
 - personalíssimos: apropriados, incorporados e subjetivados a partir dos saberes universitários adquiridos na formação inicial.
 - situados: provêm da aplicação prática dos conhecimentos científicos.
 - objeto do trabalho docente, uma vez que seres humanos; envolvem sensibilidade, discernimento e ética.
- Está correto APENAS o afirmado em
- I, II e IV.
 - I, II e V.
 - II, III e IV.
 - II, III e V.
 - IV e V.



22. Sobre o princípio da Contextualização, proposto nas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio, NÃO é correto afirmar que
- (A) contextualizar o conteúdo significa assumir que todo conhecimento envolve uma relação entre sujeito e objeto.
 - (B) o tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de espectador passivo.
 - (C) o tratamento contextualizado do conhecimento mobiliza competências cognitivas já adquiridas.
 - (D) o tratamento contextualizado do conhecimento favorece a interação entre as disciplinas e áreas.
 - (E) contextualizar os conteúdos escolares exige valorizar o espontaneísmo e a cotidianidade e dar peso relativo às abstrações.

23. O Parecer CNE/CEB nº 15/1998 afirma que:

(...) Juntas, elas se comparam a um trançado cujos fios estão dados, mas cujo resultado final pode ter infinitos padrões de entrelaçamento e muitas alternativas para combinar cores e texturas. De forma alguma se espera que uma escola esgote todas as possibilidades. Mas se recomenda com veemência que ela exerça o direito de escolher um desenho para o seu trançado e que, por mais simples que venha a ser, ele expresse suas próprias decisões e resulte num cesto generoso para acolher aquilo que a LDB recomenda em seu artigo 26: as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Os elementos de organização do currículo a que o Parecer se refere são

- (A) sensibilidade e identidade.
- (B) princípios e estratégias de ensino.
- (C) competências e habilidades.
- (D) disciplinas e áreas.
- (E) interdisciplinaridade e contextualização.

24. O documento de apresentação da Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino Fundamental – Ciclo II e Ensino Médio discute um conjunto de desafios que compõem o cenário atual da educação escolar. São **princípios centrais** dessa proposta:

- I. o currículo como espaço de cultura.
- II. as competências como eixo de aprendizagem.
- III. o estabelecimento de requisitos mínimos de aprendizagem.
- IV. a prioridade da competência de leitura e de escrita.
- V. a contextualização no mundo do trabalho.

Está correto o afirmado em

- (A) I, II, III, IV e V.
- (B) I, II, III e IV, apenas.
- (C) I, II, IV e V, apenas.
- (D) II, III e IV, apenas.
- (E) III, IV e V, apenas.

25. O Caderno do Gestor v.1 (2008) afirma que:

Segundo a LDB 9.394/96, a Proposta Pedagógica da escola deve ser definida com autonomia pelos estabelecimentos de ensino, de acordo com as regras dos sistemas de ensino a que estão subordinados. Esse aspecto legal, muitas vezes, é pouco compreendido.

Considerando a relação existente entre Proposta Curricular e Proposta Pedagógica da escola, assinale a alternativa que revela o princípio educacional que gera essa incompreensão.

- (A) Direito à educação.
- (B) Gestão democrática.
- (C) Qualidade de ensino.
- (D) Processo ensino-aprendizagem.
- (E) Função social da escola.

26. A relação entre o IDESP e o SARESP pode ser assim definida:

- (A) o SARESP gera a nota média da escola, que determina o valor do IDESP correspondente.
- (B) o SARESP oferece dados de desempenho escolar com base no Currículo Oficial para compor o IDESP.
- (C) o IDESP é um indicador que sintetiza informações de desempenho e fluxo escolar.
- (D) o IDESP e o SARESP são avaliações externas que permitem comparação do rendimento escolar ao longo do tempo.
- (E) o IDESP da escola determina sua performance no SARESP.



27. Tomando por base o Parecer CEE nº 67/1998, que estabelece as Normas Regimentais Básicas para as Escolas Estaduais do Estado de São Paulo e as Orientações para implantação da Proposta Curricular do Estado de São Paulo nos Cadernos do Gestor, é correto afirmar que:
- (A) o conjunto das orientações responde ao panorama legal de responsabilidades do sistema de ensino, das escolas e dos docentes.
 - (B) o conjunto das orientações fere a autonomia docente, uma vez que *a liberdade para aprender e ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber* estão previstos na Constituição Federal e na LDB.
 - (C) as escolas não têm responsabilidade quanto a respeitar as normas do seu sistema de ensino, pois podem apresentar proposta pedagógica própria.
 - (D) as orientações conflitam com a função dos docentes em elaborar e cumprir plano de trabalho.
 - (E) o conjunto das orientações tem o objetivo de homogeneizar o trabalho docente e garantir monitoramento externo da aprendizagem dos alunos.

28. Quanto à recuperação paralela, nos termos da Instrução CENP nº 1, de 11/1/2010, considere:
- I. O atendimento individualizado reveste-se de caráter pontual, transitório e circunstancial.
 - II. O atendimento em grupos deve reunir alunos com diferentes dificuldades.
 - III. Os horários das atividades devem ser organizados de maneira flexível, para garantir a participação dos alunos, inclusive aos sábados.
 - IV. Os alunos que estiverem sob atendimento individualizado não poderão participar de grupos de estudos.
 - V. A prioridade é do atendimento individualizado em relação aos grupos de estudos.

Está correto o que se afirma em:

- (A) I, II, III, IV e V.
 - (B) I, II e V, apenas.
 - (C) I, III e IV, apenas.
 - (D) III, IV e V, apenas.
 - (E) IV e V, apenas.
29. Quanto à recuperação contínua, nos termos da Resolução SE nº 92, de 8/12/2009, é INCORRETO afirmar que
- (A) o objetivo é superar as dificuldades encontradas pelos alunos no processo de escolarização.
 - (B) a unidade escolar não demanda reorganização, para que essa recuperação possa se efetivar.
 - (C) o professor necessita de subsídios pedagógicos quando do atendimento em sala de aula de alunos com dificuldades de aprendizagem.
 - (D) os professores devem intervir pedagogicamente para que se superem as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos nas aulas regulares.
 - (E) os familiares terão conhecimento, antecipadamente, sobre todo trabalho a ser desenvolvido pelos professores.
30. Hugo Assmann, ao tratar do surgimento das formas do conhecimento em experiências de aprendizagem, conclui que a morfogênese do conhecimento acontece sempre:

- (A) no cérebro.
- (B) na linguagem.
- (C) na relação sujeito-mente.
- (D) na corporeização.
- (E) no processo ensino-aprendizagem.



FORMAÇÃO ESPECÍFICA

Atenção: As questões de números 31 a 37 referem-se ao texto abaixo.

"Cheguei com tudo no lugar"

- 1 Há duas semanas, a paraense Aida Mendes, de 100 anos, tornou-se a mulher mais velha do mundo a saltar de paraquedas. Amarrada a um instrutor, Vovó Iaiá, como é conhecida, saltou de um monomotor a 8 000 pés de altitude em Macapá, no Amapá.
- Por que a senhora decidiu saltar de paraquedas?
- 5 Sempre gostei de ver o mundo de cima, nos aviões. Então meu neto, que é paraquedista, sugeriu que eu fizesse um salto. Fui ao médico e ele me liberou.
- Como foi a experiência?
- Sentir o vento no meu rosto e ver tudo miudinho lá do alto foi a maior emoção da minha vida.
- O instrutor lhe fez alguma recomendação especial?
- 10 Meu filho, ele só me pediu que tirasse a dentadura na hora do salto. Ficou com medo que ela saísse voando. Mas eu preferi saltar de dentadura mesmo, porque tinha muitos fotografos lá embaixo, esperando por mim. Deu certo: cheguei com tudo no lugar.
- Não senti nenhum medo?
- Nem um tiquinho. Gostei tanto que, se Deus permitir, vou dar um novo salto quando completar 101 anos. Ah, e também pretendo realizar um sonho: experimentar como é andar em uma montanha-russa.
- 15 A senhora leva uma vida ativa?
- Sempre pratiquei esportes. Até hoje jogo futebol, vôlei e faço caminhada. Minha energia vem do açaí. Quase toda noite, como uma tigela de açaí com farinha de mandioca. E, vez ou outra,
- 20 bebo uma cervejinha.

(“Conversa com Aida Mendes”, Leonardo Coutinho, **Revista Veja**, edição 2146, 6 de janeiro de 2010 – <http://veja.abril.com.br/060110/conversa-com-aida-mendes-p-032.shtml>)

31. Nas respostas de Vovó Iaiá podem ser encontrados exemplos que confirmam a espontaneidade e a informalidade a que o nome dado à seção da revista – “**Conversa com...**” – procura fazer alusão, como
- (A) a elipse do sujeito, que atenua, mas marca a participação direta do agente, em *Sempre gostei* ou *Ficou com medo*, e a utilização de diminutivos como *miudinho* e *cervejinha*.
- (B) os desvios gramaticais observados em frases como *ele só me pediu* e *tinha muitos fotografos*, em lugar de “ele só pediu-me” e “tinham muitos fotografos”.
- (C) a referência à *dentadura* e à *tigela de açaí com farinha de mandioca*, assuntos prosaicos, e a utilização de *Mas* em início de frase.
- (D) a presença do vocativo *Meu filho*, da interjeição *Ah* e de expressões como *ver tudo miudinho* e *Nem um tiquinho*.
- (E) a utilização de frases curtas e justapostas, o que seria incomum na situação de uma entrevista formal.
-
32. Considere as afirmações abaixo sobre a frase da entrevistada *cheguei com tudo no lugar* (linha 12), colocada como título pelo entrevistador ou pelo editor da revista.
- I. A frase foi escolhida como destaque pela possibilidade que ela oferece de despertar o interesse e a curiosidade do leitor, que se pergunta sobre o que poderia ter chegado “fora do lugar”.
- II. Depois de lido o texto da entrevista, o leitor dá-se conta de que o humor da situação imaginada – de que a dentadura de Vovó Iaiá pudesse sair voando durante o salto – está concentrado na frase.
- III. Ao ser precedida de dois pontos na transcrição, a frase pode ser entendida como uma autocitação do que Vovó Iaiá teria dito ao instrutor depois de provar que eram infundados os receios dele quanto à perda da dentadura.
- Está correto APENAS o que se afirma em
- (A) I.
- (B) I e II.
- (C) I e III.
- (D) II.
- (E) III.



33. Caso a entrevista faça parte de uma atividade de Língua Portuguesa, uma orientação metodológica em concordância com a Proposta Curricular do Estado de São Paulo para a disciplina é:
- (A) Discutir o gênero do texto – “entrevista transcrita para ser lida em uma revista semanal” – e suas principais características, sem abordar os aspectos propriamente gramaticais, o que será feito por meio de textos literários, mais adequados para esse estudo.
 - (B) Valer-se do texto como motivador da livre manifestação dos alunos, que assim se tornarão verdadeiros interlocutores, produtores criativos de seu próprio texto, sem qualquer restrição gramatical ou linguística.
 - (C) Relevar o contexto em que se dá a elocução, insistindo que algumas peculiaridades nela presentes, como a utilização do diminutivo, são somente justificadas pela oralidade e, assim, inadequadas num texto escrito.
 - (D) Enfatizar os aspectos morfológicos característicos do diminutivo e as regras de sua formação, procurando minimizar a discussão pelos alunos do contexto em que ele é utilizado na entrevista, o que seria um desvio do foco principal.
 - (E) Propor a discussão acerca da experiência de vida da entrevistada, tal como reconstruída no texto, e do contexto em que se dá a elocução, a partir da experiência dos interlocutores, os alunos, sem desconsiderar aspectos linguísticos e discursivos.

34. Considere as estratégias de dois professores de Língua Portuguesa ao proporem a entrevista para uma atividade em sala de aula que envolva o ensino de leitura:

- I. O professor dividiu a classe em grupos e entregou alguns exemplares da revista a cada um deles, buscando incentivar os alunos não só a lerem a entrevista feita com *Vovó laiá* como também a folhear e a percorrer reportagens, propagandas e outras eventuais entrevistas.
- II. O professor dividiu a classe em grupos e entregou a cada um dos alunos uma cópia digitada do texto da entrevista, procurando incentivá-los a discutir as características principais do depoimento de *Vovó laiá*, tanto no nível discursivo como no linguístico.

A respeito dessas estratégias, é correto afirmar que

- (A) I é mais adequada que II, porque esta privilegia a discussão dos aspectos linguísticos do texto, hoje considerados de somenos importância.
- (B) I e II são inadequadas, ao deixar a discussão do texto a cargo dos alunos, tarefa que deveria caber ao professor.
- (C) I é mais adequada que II, pois possibilita o contato com o suporte em que se deu a produção e a circulação do texto, e que é também mediador do sentido no ato da recepção.
- (D) I e II são igualmente adequadas, já que em ambas os alunos têm acesso ao principal, o texto da entrevista, sendo secundário o acesso ao veículo que o publicou.
- (E) II é mais adequada que I, pois evita a dispersão dos alunos, que fixarão a atenção exclusivamente no objeto a ser investigado.

35. No estudo da entrevista, o enunciado ***"Cheguei com tudo no lugar"*** contribuiria para ampliar a compreensão sobre a linguagem caso considerado como evidência

- (A) de que, num único enunciado, ressoam outras possibilidades de sentido, ancoradas em usos estabelecidos em diferentes contextos socioculturais.
- (B) do uso parafrástico de um enunciado, isto é, da apropriação de sua estrutura para reproduzir exata e fielmente o sentido literal da frase.
- (C) de que um enunciado tem seu sentido perfeitamente definido pelo contexto verbal em que se insere, rejeitando possibilidades advindas de inferências ou suposições.
- (D) de que toda leitura supõe o cotejo de todos os sentidos que um enunciado tem no âmbito cultural, para eleição de um e descarte dos demais, evitando assim qualquer possibilidade de duplo sentido.
- (E) de situações comuns em que o falante se apropria indevidamente da fala alheia sem a necessária menção à sua autoria.



Atenção: Para responder às questões de números 36 e 37, considere o texto e o gráfico abaixo reproduzidos, em correlação com a entrevista.

O Gráfico 2 dá uma idéia das relações mistas dos gêneros a partir de alguns postulados, tais como: meio e concepção, tendo em vista que a fala é de concepção oral e meio sonoro, ao passo que a escrita é de concepção escrita e meio gráfico. Na apresentação do gráfico, temos que “a” é o domínio do tipicamente falado (oralidade), seja quanto ao meio e quanto à concepção. Já a sua contraparte seria, por exemplo, o domínio “d” correspondente ao tipicamente escrito. Por outro lado, tanto “b” como “c” constituem os domínios mistos em que se dariam as mesclagens de modalidades.

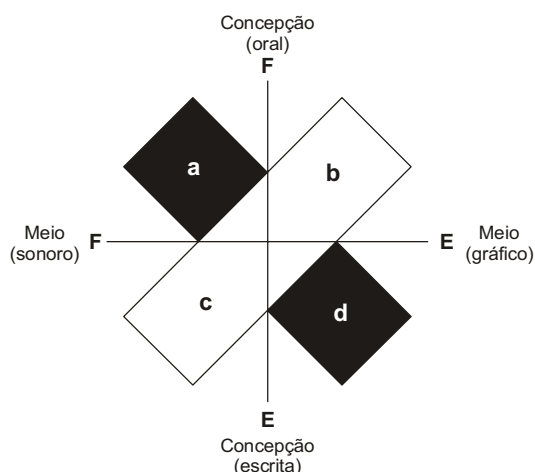
Considerando as duas perspectivas e suas formas de realização, temos:

a) meio de produção: sonoro versus gráfico

b) concepção discursiva: oral versus escrita

Com base nisso, podemos ter a seguinte distribuição:

Gráfico 2. Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva.



(Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2008, p. 39)

36. Quanto ao gênero, pode-se afirmar corretamente que o texto “**Conversa com Aida Mendes**” situa-se, no gráfico apresentado,
- (A) nos domínios *b* e *c*, pois a entrevista com *Vovó laiá* transita entre os meios sonoro e gráfico, pois foi feita oralmente e só depois transcrita para publicação.
- (B) no domínio *b*, pois a entrevista com *Vovó laiá* foi feita oralmente, tendo sido depois transcrita e publicada num meio gráfico, a revista **Veja**.
- (C) no domínio *b*, já que a entrevista não é inteiramente de concepção oral e nem totalmente de meio gráfico, ficando assim entre uma e outro.
- (D) no domínio *c*, pois a entrevista com *Vovó laiá*, tendo sido publicada na revista **Veja**, é de concepção escrita, ainda que o meio seja sonoro.
- (E) nos domínios *a* e *c*, pois a entrevista transita entre as concepções oral e escrita, já que foi realizada oralmente, mas publicada num meio gráfico.
-
37. Ao compararmos uma entrevista, como a realizada com *Vovó laiá*, com a apresentação de notícias pelo âncora de um jornal apresentado na televisão, é correto afirmar que
- (A) ambos os gêneros são de domínio misto, sendo ainda de mesma concepção e mesmo meio.
- (B) a entrevista é um gênero de domínio prototípico e a apresentação de notícias na TV, um gênero misto.
- (C) ambos os gêneros são de domínio prototípico, embora sejam de concepções e meios representados em campos opostos no gráfico.
- (D) a entrevista é um gênero de domínio misto e a apresentação de notícias na TV, um gênero prototípico.
- (E) ambos os gêneros são de domínio misto, embora sejam de concepções e meios representados em campos opostos no gráfico.



Atenção: As questões de números 38 a 45 referem-se ao texto abaixo.

O gato sou eu

- 1 – *Aí então, eu sonhei que tinha acordado. Mas continuei dormindo.*
– *Continuou dormindo.*
– *Continuei dormindo e sonhando. Sonhei que estava acordado na cama, e ao lado, sentado na cadeira, tinha um gato me olhando.*
- 5 – *A que você associa essa imagem?*
– *Não era uma imagem: era um gato.*
– *Estou dizendo a imagem do seu sonho: essa criação onírica simboliza uma profunda vivência interior. É uma projeção do seu subconsciente. A que você associa ela?*
– *Associo a um gato.*
- 10 – *Eu sei: aparentemente se trata de um gato. Mas na realidade o gato, no caso, é a representação de alguém. Alguém que lhe inspira um temor reverencial. Você deitado aí nesse divã como na cama em seu sonho, eu aqui nesta poltrona, o gato na cadeira... Evidentemente esse gato sou eu.*
– *Essa não, doutor. A ser alguém, neste caso o gato sou eu.*
- 15 – *Você está enganado. E o mais curioso é que, ao mesmo tempo, está certo, certíssimo, no sentido em que tudo o que se sonha não passa de uma projeção do eu.*
– *Uma projeção do senhor?*
– *Não: uma projeção do eu. O eu, no caso, é você.*
– *Eu sou o senhor? Qual é, doutor? Eu sou eu, o senhor é o senhor, e estamos conversados.*
- 20 – *Eu sei: eu sou eu, você é você. Quando falo no eu, não estou falando em mim, por favor, entenda.*
– *Em quem o senhor está falando?*
– *Estou falando na individualidade do ser, que se projeta em símbolos oníricos. E o papel que você atribui ao gato, de fiscalizá-lo o tempo todo, sem tirar os olhos de você, é o mesmo que atribui a mim. Por isso é que eu digo que o gato sou eu.*
- 25 – *Absolutamente. O senhor vai me desculpar, doutor, mas o gato sou eu, e disto não abro mão.*
– *No subconsciente, o gato é uma representação do que significo para você. Portanto, insisto em dizer: o gato sou eu.*
– *E eu insisto em dizer: não é.*
- 30 – *Sou.*
– *Não é. O senhor por favor saia do meu gato, que senão eu não volto mais aqui.*
– *Observe como inconscientemente você está rejeitando minha interferência na sua vida através de uma chantagem...*
– *Que é que há, doutor? Está me chamando de chantagista?*
- 35 – *É um modo de dizer. Quero me referir à sua recusa de que eu participe de sua vida, mesmo num sonho, na forma de um gato.*
– *Pois se o gato sou eu!*
– *Sou eu!*
– *Ponha-se para fora de meu gato!*
- 40 – *Ponha-se para fora daqui!*
– *Sou eu!*
– *Eu!*
– *Eu! Eu!*
– *Eu! Eu! Eu!*

(Adaptado de Fernando Sabino. **O gato sou eu**. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 53-6)



38. Um dos procedimentos utilizados pelo autor com o objetivo de provocar o riso é fazer que
- (A) a história não tenha um enredo coerente, predominando nela o *nonsense* de falas como *Você está enganado. E o mais curioso é que, ao mesmo tempo, está certo, certíssimo.*
 - (B) o analista use um jargão de sua área de atuação, enquanto o paciente decodifica essa linguagem a partir de referenciais mais genéricos ou de uso mais corriqueiro.
 - (C) o sonho contado pelo paciente seja inteiramente inverossímil, sem que o analista questione a sua validade, preocupado que está em assumir o papel do gato da história.
 - (D) o paciente seja incapaz de autorreconhecimento, a ponto de não saber dizer em certa passagem do diálogo se ele seria o paciente ou o doutor.
 - (E) a situação vivida pelas duas personagens seja tão atípica a ponto de levar o leitor à desconfiança sobre o que na crônica é sonho e o que é realidade.

39. Das frases *O senhor por favor saia do meu gato* e *Ponha-se para fora de meu gato*, é INCORRETO afirmar que
- (A) provocam ao mesmo tempo o riso e certo estranhamento pelo inusitado da formulação, pensada a partir de frases triviais como “saia do meu lugar” e “ponha-se para fora daqui”, esta última também utilizada na crônica.
 - (B) sugerem o conhecimento, por parte do analisando, do processo pelo qual o analista, ao interpretar o sonho de acordo com a Psicanálise, toma o gato como uma representação, enquanto o paciente o vê apenas como um animal.
 - (C) são formulações que, além de saborosas e bem-humoradas, atuam no sentido de contrariar as expectativas do leitor ao desautomatizar o uso da linguagem do senso comum e dos clichês.
 - (D) figuram o crescendo da exasperação do paciente, passando do *por favor* que ameniza o caráter imperativo de *saia* para o mais enfático e rude *ponha-se para fora*, sem qualquer atenuante.
 - (E) constituem dois atos de fala que caracterizam não só os papéis típicos dos participantes da terapia, como também sua irreversibilidade.

40. Considere as afirmações a seguir sobre a composição da crônica:
- I. A composição em forma de diálogo permite a observação de algumas características compartilhadas com textos teatrais, embora sem as rubricas que em geral apresentam.
 - II. A ausência do narrador, ainda que possa trazer algumas vantagens, como a maior fluência adquirida pelo texto, impossibilita a caracterização das personagens da história e do espaço em que se dá sua interação.
 - III. A falta de marcadores que indiquem os responsáveis pelas falas gera o risco de criar alguma confusão para o leitor, que não vê no texto mecanismos suficientes para certificar-se sobre que personagem pronuncia cada uma das falas.

Está correto o que se afirma em

- (A) I, apenas.
- (B) I e II, apenas.
- (C) I, II e III.
- (D) II, apenas.
- (E) II e III, apenas.

41. Está respaldada no texto a seguinte assertiva:
- (A) A falta de acordo das personagens com relação ao emprego da palavra *imagem* (linhas 5 a 9) está assentada no fato de o paciente não aceitar o *gato* como uma *criação onírica*.
 - (B) O *esquema narrativo* – conhecimento estruturado que temos na memória sobre o evento típico “narrativa” – permite a dedução de que o início do texto não coincide com o início do relato do paciente ao *doutor*.
 - (C) Ao caracterizar o *temor* como *reverencial* (linha 11), o doutor determina que o medo é de natureza desconhecida.
 - (D) A falta de entendimento quanto à pessoa a quem o *eu* se refere está associada ao desconhecimento do paciente de que, ainda como pronome, o *eu* pode significar a *individualidade do ser* (linha 23).
 - (E) Quando o *doutor* se refere a *É um modo de dizer* (linha 35), está remetendo ao uso que fez de um eufemismo.



42. Assinale a alternativa correta.
- (A) O raciocínio que originou a declaração *Evidentemente esse gato sou eu* (linhas 12 e 13) foi edificado sobre uma relação de contiguidade entre o *doutor* e o *gato*.
 - (B) Consideradas as diretrizes pedagógicas contemporâneas acerca do tratamento a ser dado à pontuação, é exemplo de uso facultativo da vírgula a ocorrência *Estou falando na individualidade do ser, que se projeta em símbolos oníricos* (linha 23).
 - (C) Em *E o papel que você atribui ao gato, de fiscalizá-lo o tempo todo, sem tirar os olhos de você, é o mesmo que atribui a mim* (linhas 23 a 25), os pronomes relativos retomam o mesmo termo.
 - (D) Cita-se o dicionário: **Absolutamente** [...] **2. Regionalismo: Brasil. de modo nenhum; 3. Regionalismo: Portugal. sem dúvida que sim.** A informação legítima deduzir que um leitor português ficaria impossibilitado de recuperar a orientação discursiva da crônica a partir da passagem em que o advérbio é empregado (linhas 26 e 28).
 - (E) Em – *Pois se o gato sou eu!* (linha 37), *Pois* está empregado com valor discursivo, inserindo a noção de dúvida.
-
43. É correto afirmar que, em sua crônica, Fernando Sabino dialoga com a Psicanálise,
- (A) buscando provar que nunca termina bem a relação entre analista e paciente.
 - (B) revelando, ainda que de modo bem-humorado, a sua irrestrita adesão às teorias freudianas.
 - (C) sugerindo que a análise pode, em alguns casos, levar à piora do estado do paciente.
 - (D) ironizando a aplicação exagerada e indiscriminada dos conceitos freudianos.
 - (E) explicitando as suas restrições pessoais em relação à teoria psicanalítica.
-
44. Na apresentação da Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, a “Proposta Curricular do Estado de São Paulo” define as linguagens como *meios para o conhecimento* e propõe que *o conhecimento de natureza enciclopédica, sem significação prática, [seja] substituído por conteúdos e atividades que [possibilitem] não só a interação do aluno com sua sociedade e o meio ambiente, mas também o aumento do seu poder como cidadão.*
- Um professor, ao propor uma atividade que envolvesse o estudo dos pronomes e das formas de tratamento presentes no texto de Fernando Sabino, levaria em conta essas diretrizes de ensino caso
- (A) enfatizasse acima de tudo que *você* e *senhor*, embora dirigidos à pessoa com quem se fala, isto é, a 2ª pessoa, devem ter o verbo conjugado na terceira pessoa do singular, como ocorre com o emprego de *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência*, *Vossa Majestade* etc.
 - (B) insistisse na forma, emprego e colocação dos pronomes átonos, o que poderia ser exemplificado no texto pela utilização de *um gato me olhando* ou *Ponha-se*, para aplicar, a partir daí, uma série de exercícios que envolvessem a próclise, a ênclise e a mesóclise.
 - (C) possibilitasse o reconhecimento da assimetria, de matiz sociocultural, na utilização pelas personagens da crônica de distintas formas de tratamento – *senhor* e *você* –, que resta inalterada mesmo no ponto mais tenso da alteração entre eles.
 - (D) fizesse com os alunos um levantamento de todas as ocorrências de pronomes no texto, passando em seguida à sua classificação e ao estudo de suas formas e emprego, tendo como resultado final uma tabela que pudesse ser decorada.
 - (E) privilegiasse a discussão do pronome na frase *A que você associa ela*, mostrando a sua incorreção e sugerindo que, embora apareça em texto de escritor consagrado, não é possível admiti-lo na expressão escrita.
-
45. Considere a seguinte situação hipotética: Ao constatar que o livro didático adotado para o ensino de Língua Portuguesa inclui a crônica de Fernando Sabino em um de seus capítulos, o professor dá-se conta de que seus alunos não serão capazes de compreendê-la integralmente. Uma postura coerente com as proposições presentes, entre outros, em **Texto e leitor**, de Angela Kleiman, seria
- (A) utilizar o texto apenas para uma atividade cujo objetivo fosse praticar a leitura em voz alta, em que o sentido do que é lido não é tão importante quanto a pronúncia e a entonação.
 - (B) incentivar os alunos a ler o texto e a formular suas próprias hipóteses de leitura sem qualquer tipo de intervenção, pois o desenvolvimento da leitura é tarefa individual e inalienável de cada leitor.
 - (C) deixar o texto para ser trabalhado no final do curso, quando os alunos já tivessem sido expostos a diferentes tipos de texto e diferentes gêneros, sendo então capazes de compreender integralmente a crônica.
 - (D) substituir a crônica de Fernando Sabino por outra que estivesse ao alcance do entendimento dos alunos, para que eles não se sentissem desestimulados diante da leitura de um texto pouco compreensível.
 - (E) estabelecer um objetivo claro para a leitura e ao mesmo tempo preparar atividades que possibilitassem aos alunos adquirir o conhecimento de mundo necessário para usufruir prazerosamente o texto.



Atenção: As questões de números 46 a 48 referem-se ao texto abaixo.

Uma polêmica envolvendo e-mails de cientistas divulgados por hackers apimentou os bastidores da Conferência de Copenhague e serviu de combustível para os políticos incrédulos. Em novembro, piratas da internet divulgaram e-mails obtidos nos servidores do Centro de Pesquisas Climáticas, da Universidade East Anglia, no Reino Unido, nos quais há insinuações sobre manipulação de dados em favor da tese de que o aquecimento global terá efeitos dramáticos. A mensagem mais constrangedora, datada de 1999, teve como autor o meteorologista Phil Jones. Ele falava de um estratagema para “mascarar a queda das temperaturas”. Embora seja impossível negar a tendência de elevação da temperatura, os e-mails causaram confusão. “Muitas pessoas são céticas e ficam ainda mais preocupadas quando supõem que os cientistas manipulam informações em certa direção”, disse Yvo de Bôer, secretário executivo da conferência. “Mas as evidências sobre as mudanças climáticas são sólidas e não foram arranhadas pelos e-mails”.

(Adaptado de “As dúvidas dos céticos”. Nota explicativa aposta à matéria “Discórdia em Copenhague”, de Fabrício Marques, **Pesquisa FAPESP**, nº 167, Janeiro de 2010, p. 31)

46. As considerações do secretário executivo da conferência de Copenhague, Yvo de Bôer,
- (A) começam pelo questionamento a respeito da possível manipulação de informações por parte de alguns cientistas, mas terminam com a garantia de que a divulgação dos e-mails não enfraquece a tese do aquecimento global.
 - (B) deixam entrever seu próprio ceticismo em relação ao aquecimento global, ainda que ele ao final reconheça que as evidências sobre as mudanças climáticas mantêm-se sólidas, a despeito dos e-mails sugerirem o contrário disso.
 - (C) são típicas de um mediador, que procura manter uma posição neutra na polêmica, numa tentativa de contentar os céticos, de um lado, e os cientistas que insistem em mostrar as evidências das mudanças climáticas, por outro.
 - (D) começam pela constatação das preocupações por parte dos que desconfiam de supostas manipulações por alguns cientistas, e terminam com a reafirmação da solidez das evidências sobre o aquecimento global.
 - (E) permitem inferir a desconfiança, por parte do secretário, de que empresas ou governos estariam por trás do empenho dos céticos em levantar dúvidas sobre as mudanças climáticas e o aquecimento global.

47. Considere as seguintes afirmações:

- I. Por se tratar de texto publicado numa revista brasileira e, desse modo, dirigido a leitores brasileiros, deve-se considerar inadequada a utilização de palavras em inglês que possuem correspondente em português, como *e-mails* e *hackers*.
- II. Ao utilizar a palavra *insinuações*, o autor deixa claro que é falsa a acusação de ter havido manipulação de dados sobre os efeitos dramáticos do aquecimento global.
- III. Expressões usadas pelo autor como *apimentou os bastidores* e *serviu de combustível* são inteiramente aceitáveis no contexto de sua utilização numa revista de divulgação científica, em que certa informalidade é não só adequada como bem-vinda.

Está correto o que se afirma em

- (A) I, apenas.
- (B) I e II, apenas.
- (C) I, II e III.
- (D) II, apenas.
- (E) III, apenas.



48. Ao tratar da *Prioridade para a competência da leitura e escrita*, a Proposta Curricular do Estado de São Paulo apresenta a seguinte afirmação:

A *constituição da competência de leitura e de escrita tem como base o desenvolvimento do pensamento antecipatório, combinatório e probabilístico.*

Imagine uma situação em que, a partir da leitura da *Nota*, seja proposta a produção, por parte dos alunos, de texto informativo sobre o tema do aquecimento global. Ao ser indagado sobre o significado da palavra *céticas*, o professor com a estratégia mais adequada, segundo a afirmação acima, é aquele que

- (A) transcreve na lousa o verbete correspondente de um dicionário, fazendo com que os alunos leiam a definição em voz alta por diversas vezes até que dominem o novo significado e possam retornar à nota munidos desse conhecimento.
- (B) afirma não ser necessário, para o entendimento global da nota, conhecer o significado dessa palavra, frisando ainda que a atividade principal em que devem se concentrar naquele momento é a produção textual e não a leitura.
- (C) deixa a solução da dúvida inteiramente a cargo dos alunos para não ter a sua função de mediador comprometida, ou seja, para manter-se como um elo intermediário entre os alunos e o conhecimento a ser por eles adquirido.
- (D) estimula, com base no contexto, o levantamento de hipóteses sobre o sentido da palavra e a discussão de sua plausibilidade, para, em seguida, sugerir pesquisa do verbete em dicionários, para confirmá-las, ou não.
- (E) fornece de imediato o significado da palavra, sanando o problema tão logo ele aparece, e não permitindo assim qualquer questionamento sobre o papel de detentor do saber que deve caber ao professor.

Atenção: As questões de números 49 e 50 referem-se, conjuntamente, à tirinha abaixo reproduzida e à Nota explicativa “As dúvidas dos céticos”.



(Bill Watterson, **Calvin e Haroldo: Yukon Ho!** Trad. de André Conti. São Paulo: Conrad, 2008, p. 32)

49. Uma atividade em sala de aula que envolva a observação de diferentes linguagens, por meio do cotejo entre a tirinha e a Nota Explicativa, é uma proposta

- (A) pouco adequada, dadas as inconciliáveis diferenças entre um texto de linguagem exclusivamente verbal e um outro que envolve simultaneamente linguagem verbal e visual.
- (B) adequada, por possibilitar aos alunos a percepção de eventuais diferenças e convergências entre textos que, em formas de composição distintas, tratam de um mesmo tema.
- (C) inadequada, já que a Nota trata do ceticismo em relação ao aquecimento global, ao passo que a tirinha traz implícita a convicção de que o fenômeno é real.
- (D) pouco adequada, em função do uso pela tirinha da expressão *efeito estufa*, que foi ultimamente substituída por *aquecimento global*, como se lê na Nota.
- (E) adequada, desde que sejam consideradas as diferenças de tratamento do tema, abordado com seriedade, na Nota, e apresentado de modo inconsequente na tirinha.

50. Uma análise consistente da tirinha permite afirmar com correção que

- (A) a linguagem verbal e a visual são igualmente importantes para a produção do sentido, mesmo numa tirinha em que ocorrem falas relativamente longas.
- (B) a linguagem verbal tem precedência sobre as imagens, pois estas apenas ilustram as falas dos personagens.
- (C) as imagens têm prioridade em relação à linguagem verbal, mesmo numa tirinha em que as falas são mais longas do que o usual.
- (D) a linguagem verbal desempenha o mesmo papel que o narrador de uma história ou um conto publicado sem qualquer tipo de imagem.
- (E) imagens e palavras são elementos independentes, um podendo ser desvinculado do outro sem qualquer perda para o sentido.



Atenção: As questões de números 51 a 54 referem-se ao anúncio abaixo.

Paula,
esteticista.

Pra controlar os gastos do mês, a Paula não abre mão do cartão de crédito.

Cartão é ótimo pra controlar despesas. Por isso a Paula concentra tudo no cartão de crédito e, com a fatura, **sabe exatamente onde e quanto está gastando**. Foi assim que percebeu que seu carro estava bebendo demais e decidiu trocar por um mais econômico. Poupan um bom dinheiro e continua de olho nos gastos. Soma os comprovantes pra não extrapolar nas compras e sempre paga o valor total da fatura pra não arcar com juros.

A ABECS - Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços quer que, assim como a Paula, você use bem seu cartão.

Se não reconhecer alguma despesa na fatura, ligue para o atendimento do cartão antes do vencimento.

Para saber mais acesse:
www.dicasdocartao.com.br

Usando corretamente, seu cartão só tem vantagens.

abecs
associação brasileira das empresas de Cartões de Crédito e Serviços

(Revista da Folha. São Paulo: Folha de S.Paulo, ano 17, nº 886, 4 de outubro de 2009, p. 7)

51. Uma análise consistente do anúncio, considerado no contexto em que circula, REJEITA o seguinte comentário:
- (A) Ativando a memória discursiva, é plausível o reconhecimento, pelo leitor, de que o texto publicitário polemiza com outro ponto de vista sobre *cartão de crédito*: “cartões de crédito facilitam o comportamento perdulário”.
- (B) Estando a serviço da exposição de uma tese, as ações de *Paula, a esteticista*, constituem evidências para a proposição a ser defendida.
- (C) No processo de argumentação, o enunciador vale-se de uma evidência por autoridade: se um eficiente usuário do *cartão de crédito* dele *não abre mão*, então o cartão é realmente bom.
- (D) Como estratégia de aproximação aos mais diversos públicos, o enunciador adota registro formal, mas usa, concomitantemente, a forma *pra*, em vez de “para”, criando a ilusão de identificar-se com qualquer cidadão comum, que não tem domínio do idioma.
- (E) No processo de argumentação, o enunciador absorve crítica bastante disseminada – “os juros dos cartões de crédito são altíssimos”–, para tratá-la de modo a minimizar o peso da opinião desfavorável.
-
52. Com o objetivo de despertar o aluno para a necessidade de julgar com ponderação e discernimento os textos a que está exposto, deve-se orientá-lo a que os investigue cuidadosamente: a adesão às ideias expostas deve depender de exame crítico cuidadoso. No caso do anúncio reproduzido, o crédito a ser dado aos argumentos nele apresentados depende prioritariamente de se levar em conta
- (A) as relações entre as imagens e as palavras.
- (B) a palavra escolhida para nomear o cartão que a esteticista exhibe.
- (C) o grupo anunciante, responsável pela mensagem publicitária.
- (D) a necessidade de ir em busca de maiores informações no site indicado.
- (E) a relação metonímica entre o cartão exibido pela esteticista e a palavra nele impressa.



53. É correto afirmar sobre o anúncio:
- (A) tem sua credibilidade fundada prevalentemente na existência real de pessoa de renome – *Paula*, profissão *esteticista*.
 - (B) vale-se de segmentos graficamente destacados – constituídos por metáforas – para garantir a eficácia de leituras mais apressadas, comuns quando se trata de anúncios.
 - (C) atribui a desconfiança quanto às vantagens dos cartões de crédito à pouca competência do usuário.
 - (D) tem como foco principal advertir os que já utilizam cartões de crédito acerca de como proceder em caso de dúvida sobre a fatura.
 - (E) vale-se predominantemente da função emotiva e apelativa da linguagem, como se nota em *A ABECS [...] quer que, assim como a Paula, você use bem seu cartão*.
-
54. Considerando procedimentos linguístico-discursivos, é correto afirmar que, no anúncio,
- (A) o emprego do artigo em *a Paula concentra tudo [...]* constitui também estratégia para predispor o leitor a considerá-la já familiar.
 - (B) Em *[...] concentra tudo no cartão de crédito*, o termo a que o pronome remete só será referido posteriormente.
 - (C) Em ***sabe exatamente onde e quanto está gastando***, a locução verbal tem valor incomum, pois remete a ação pontual, realizada no pretérito.
 - (D) Em *decidiu trocar por um mais econômico*, o argumento que preenche o ato deliberativo opõe-se à orientação argumentativa dominante do texto, a do controle de gastos.
 - (E) Em *Usando corretamente, seu cartão só tem vantagens* está implícita uma idéia concessiva no segmento inicial.

Atenção: Para as questões de números 55 a 57, considere o fragmento abaixo, extraído da primeira gramática da língua portuguesa, publicada em Portugal, em 1536.

As dições usadas são estas que nos servem a cada porta (como dizem), estas, digo, que todos falam e entendem, as quais são próprias do nosso tempo e terra. E quem não usa delas é desentoado, fora do tom e música dos nossos homens d'agora. [...] E porém todas elas ou são gerais a todos, como Deus, pão, vinho, céu e terra, ou são particulares: e esta particularidade ou se faz antre officios e tratos, como os cavaleiros que têm uns vocábulos e os lavradores outros, e os cortesãos outros, e os religiosos outros, e os mecânicos outros, e os mercadores outros, ou também se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira têm ũas falas e os d'Alentejo outras. E os homens da Estremadura são diferentes dos d'Antre Douro e Minho, porque assi como os tempos, assi também as terras criam diversas condições e conceitos. E o velho, como tem o entender mais firme com o que mais sabe, também suas falas são de peso e as do mancebo mais leves.

(Fernão de Oliveira, ***Grammática da lingoagem portuguesa***. Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa [edição facsimilar], 1981, D2-r.)

Obs.: *dições* = palavras; *antre* = entre

55. É correto afirmar que o gramático trata
- (A) da variação linguística conhecida como diastrática, isto é, associada aos diferentes estratos sociais, neste trecho: *e esta particularidade ou se faz antre officios e tratos, como os cavaleiros que têm uns vocábulos e os lavradores outros, e os cortesãos outros, e os religiosos outros, e os mecânicos outros, e os mercadores outros [...]*.
 - (B) das contingências históricas que promovem mudanças nas línguas, no fragmento: *As dições usadas são estas que nos servem a cada porta (como dizem), estas, digo, que todos falam e entendem, as quais são próprias do nosso tempo e terra*.
 - (C) da necessidade de adequação da fala às situações de interação linguística, no segmento: *E os homens da Estremadura são diferentes dos d'Antre Douro e Minho, porque assi como os tempos, assi também as terras criam diversas condições e conceitos*.
 - (D) do maior prestígio da variante padrão em relação às outras, em: *E o velho, como tem o entender mais firme com o que mais sabe, também suas falas são de peso e as do mancebo mais leves*.
 - (E) dos diferentes níveis de articulação da língua, enfatizando os aspectos referentes à fonética e à fonologia no seguinte excerto: *E quem não usa delas é desentoado, fora do tom e música dos nossos homens d'agora*.



56. A linguagem empregada no texto revela que o autor
- (A) reconheceu a existência de um léxico comum, que, embora composto de apenas quatro palavras (*Deus, pão, vinho e terra*), permearia o vocabulário das diferentes comunidades de fala do português identificáveis em Portugal no século XVI e garantiria a unidade linguística do país.
 - (B) se valeu de variantes já em desuso àquela época, como a assinalada na grafia *ũas* correspondente a uma pronúncia da palavra “umas” inexistente em qualquer das variantes geográficas do português, desde, pelo menos, o século XV.
 - (C) utilizou, em trechos como *porque assi como os tempos, assi também as terras criam diversas condições e conceitos*, torneios sintáticos atualmente empregados, no Brasil, apenas na linguagem oral, sobretudo por falantes com menor tempo de escolarização.
 - (D) usou uma estrutura partitiva em *E quem não usa delas...*, a qual, seja nas situações mais formais, seja nas mais coloquiais, foi categoricamente suplantada por “E quem não usa elas”.
 - (E) realizou seleção de registro adequada à situação interlocutiva projetada, por exemplo na oposição didática entre novidade e tradição, ao parafrasear usos atribuídos a grupos – (*como dizem*) –, valendo-se de usos considerados gerais – *estas que todos falam e entendem*.

57. I. *E quem não usa delas é desentoadado, fora do tom e música dos nossos homens d'agora.*
- II. *E o velho, como tem o entender mais firme com o que mais sabe, também suas falas são de peso e as do mancebo mais leves.*

Acerca dos fragmentos acima, é pertinente observar que

- (A) instauram clara incoerência no texto, na medida em que um deles aponta a necessidade de atualização frequente dos usos linguísticos e o outro insiste unicamente na valorização do peso da fala dos mais velhos.
- (B) encerram um mesmo argumento: o de que são inerentes às línguas, e facilmente perceptíveis, tanto o fenômeno de variação quanto o de mudança.
- (C) correspondem a uma assertiva e sua exemplificação por meio de dados linguísticos mais concretos, quais sejam, os correspondentes à leveza da linguagem dos jovens e os relacionados ao incômodo peso da linguagem dos idosos.
- (D) valorizam as inovações linguísticas e depreciam tanto a linguagem mais conservadora, quanto os falantes que optam por ela.
- (E) são redundantes: embora o segundo trecho seja mais extenso, nada acrescenta ao conteúdo já expresso em I.

Atenção: As questões de números 58 a 64 referem-se ao texto a seguir, adaptado de conferência proferida por um pesquisador em um encontro científico. A apresentação oral foi gravada, transcrita, editada e publicada em livro.

1 O IPHAN promoveu recentemente um grande seminário para discutir o que, dentre as línguas minoritárias existentes no Brasil, deveria ser registrado. Estava lá uma negra, a Dona Fiota, falante da Gira da Tabatinga. Ela contou que seu pai, passando pelo Centro-Oeste de Minas Gerais, viu sua mãe no cativo trabalhando, fiando algodão. Acenou para ela e perguntou se não arrumava uma

5 ocupação para ele. Acabou conseguindo um serviço na roça de mandioca, foi ficando e namorando, ficando e namorando, até que os dois se casaram, tiveram filhos, netos, bisnetos. A comunidade deles falava a Gira da Tabatinga, que era usada nas antigas senzalas das fazendas do interior de Minas Gerais. Com ela, os escravos podiam se comunicar livremente, sem o patrão entender o que diziam. A língua era um espaço de liberdade.

10 Ela contou que os quilombolas descobriram que a Gira da Tabatinga não estava mais sendo falada pelas crianças. Deste modo, soou o sinal de alarme: “Língua em perigo”. Quando a criança não fala mais, em uma geração a língua se perde. A comunidade então se reuniu e decidiu: “Vamos ensinar na escola a língua da Tabatinga. Vamos falar com o secretário municipal”. E o secretário disse: “Pode escolher a professora que eu pago”. A comunidade então se perguntou quem era o

15 Antônio Houaiss da Gira da Tabatinga. “A Dona Fiota!”.

Dona Fiota foi escolhida, deu aula lá e no final do mês foi receber seu salário. Chegando na Secretaria Municipal, o secretário disse: “Ah, é a senhora? Eu não posso pagar a senhora! Se fizer isso, vou preso. A senhora é analfabeta. Como vou pagar um professor que não sabe nem ler, nem escrever?”. E ela pôs o dedo na cara dele: “Eu não tenho a letra, eu tenho a palavra”.

(Adaptado de BESSA-FREIRE, José Ribamar. Nheengatu: a outra língua brasileira. In Stolze Lima & Carmo (Orgs.). **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 142)

Obs.: IPHAN = Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



58. Afirma-se corretamente que, na edição realizada para o livro, a conferência
- (A) simula a reprodução integral do texto falado, principalmente por meio da preservação de estruturas linguísticas não encontradas na escrita, como a incorporação do artigo a este sintagma nominal: *a Dona Fiota*.
 - (B) testemunha o estrito respeito do narrador ao padrão culto formal, o mais apropriado ao gênero “conferência”, como se observa em *a comunidade deles* e *Chegando na Secretaria*.
 - (C) equipara os modos de dizer da personagem não-alfabetizada e da autoridade governamental, explorando essa semelhança para criticar o infundado preconceito do secretário municipal.
 - (D) mantém a espontaneidade da narrativa e o tom coloquial da interação oral por meio de recursos como o discurso direto.
 - (E) contribui para reforçar estigmas ao opor, radicalmente, o registro de linguagem do narrador aos das personagens que tomam a palavra.
-
59. Os julgamentos que a comunidade e o secretário fazem do conhecimento linguístico de *Dona Fiota*
- (A) opõem-se, na medida em que a eleição de *Dona Fiota* está respaldada no conhecimento da língua e a recusa em lhe pagar, na falta de domínio da representação gráfica dessa língua.
 - (B) expõem uma mesma crença, a de que conhecer uma língua é dominar a norma culta e os meandros da escrita, como se nota na referência ao lexicógrafo Antônio Houaiss.
 - (C) complementam-se, já que cada um deles incide sobre um aspecto essencial da competência linguística do falante de qualquer língua: de um lado, o estilo cultivado e, de outro, a apropriação de um bem imaterial, a ortografia.
 - (D) são apresentados pelo narrador como igualmente equivocados, uma vez que ambos operam com metas ainda não atingidas: uma escola aberta ao conhecimento popular, em um caso, e um mestre irreprensivelmente ilustrado, no outro.
 - (E) dialogam polemicamente com a declaração final de *Dona Fiota*, na qual fica explícita a aversão da falante da *Gira da Tabatinga* a políticas que impliquem desvalorização da diversidade linguística.
-
60. *Ela contou que seu pai, passando pelo Centro-Oeste de Minas Gerais, viu sua mãe no cativo trabalhando, fiando algodão. Acenou para ela e perguntou se não arrumava uma ocupação para ele. Acabou conseguindo um serviço na roça de mandioca, foi ficando e namorando, ficando e namorando, até que os dois se casaram, tiveram filhos, netos, bisnetos. A comunidade deles falava a Gira da Tabatinga, que era usada nas antigas senzalas das fazendas do interior de Minas Gerais. Com ela, os escravos podiam se comunicar livremente, sem o patrão entender o que diziam. A língua era um espaço de liberdade.*
- A respeito do trecho acima e sua articulação com o restante do texto, é apropriado dizer que
- (A) corresponde a uma digressão sobre assuntos biográficos irrelevantes para a questão em foco, mas valorosos para a atribuição de um tom pitoresco ao relato de *Dona Fiota*.
 - (B) constitui contextualização essencial para a construção, no texto, da legitimidade das ações de *Dona Fiota*.
 - (C) se restringe ao oferecimento de informações sobre a língua (onde é falada, por quem), com o objetivo de fundamentar a crítica implícita ao seu ensino no contexto escolar.
 - (D) foi reproduzido pelo conferencista por mera questão de fidelidade ao que ouvira, já que, no tempo da escravidão, ainda não havia conflitos sociais e linguísticos envolvendo a *Gira*.
 - (E) é central para que se compreenda que, ao longo dos séculos, a *Gira da Tabatinga* tem refratado mudanças, graças ao espírito combativo do conjunto de seus falantes.
-
61. Assinale a alternativa INCORRETA.
- (A) *Quando a criança não fala mais, em uma geração a língua se perde*, a elipse do objeto direto de “falar” é arcaísmo, na medida em que, no português do Brasil falado em nossos dias, essa função deve ser preenchida por um pronome.
 - (B) Em *trabalhando, fiando algodão*, a concatenação de duas formas do gerúndio permite que se identifique uma ação geral e sua especificação.
 - (C) Em *foi ficando e namorando, ficando e namorando*, o uso do gerúndio e da estrutura coordenada condensa as noções de continuidade e iteração do que se narra.
 - (D) Em *tiveram filhos, netos, bisnetos*, os itens lexicais destacados implicam extensão temporal considerável.
 - (E) A frase *A língua era um espaço de liberdade* sintetiza o que se declara anteriormente acerca do papel da *Gira* para a comunidade e justifica a preocupação relatada no segundo parágrafo.



62. Assinale a alternativa correta.
- (A) O advérbio *recentemente* (linha 1) remete ao momento atual, isto é, a uma extensão temporal próxima a este ano de 2010.
- (B) O segmento *viu sua mãe* (linhas 3 e 4) permanece ambíguo até que se leiam os dois períodos subsequentes.
- (C) A relação estabelecida no texto entre *ocupação e serviço* (linha 5) permite concluir que o primeiro termo, cujo significado é “atividade”, é retomado pelo segundo, que significa “trabalho remunerado”, para agregar informação ainda não introduzida.
- (D) A ausência de artigo definido antes de *escolhida* (linha 16) implica que *Dona Fiota* não foi a única professora designada para ensinar a *gira*.
- (E) Consideradas as convenções relativas aos gestos que acompanham a fala, a expressão *pôs o dedo na cara dele* (linha 19) só poderá ter seu sentido avaliado depois de se conhecer o teor da fala que a segue.

63. Considere os seguintes comentários acerca de trechos do texto que contêm discurso direto.

- I. *E ela pôs o dedo na cara dele: “Eu não tenho a letra, eu tenho a palavra”*: por meio da descrição de um gesto, insinua-se um tom para a fala que será citada.
- II. *“A Dona Fiota!”*: o emprego das aspas, após enunciado que reporta o que a comunidade *se perguntou*, indica que o fragmento constitui uma resposta.
- III. *Deste modo, soou o sinal de alarme: “Língua em perigo.”*: embora o locutor não esteja explicitado, só se pode atribuir o que foi dito a *Dona Fiota*.

Está correto o que se afirma em

- (A) I, apenas.
- (B) II, apenas.
- (C) III, apenas.
- (D) I e II, apenas.
- (E) I, II e III.

64. De acordo com diretrizes educacionais vigentes, a língua portuguesa é um espaço de liberdade quando

- (A) a escola firma o seu papel de agência normatizadora, cuja imprescindível responsabilidade é o cultivo dos padrões clássicos de comunicação e expressão linguística, atualmente tão desvalorizados.
- (B) professor e aluno redescobrem o valor dos falares atualmente estigmatizados, tornando-os o objeto por excelência da reflexão e da produção cultural com a linguagem, já que eles são a língua de fato.
- (C) é dada ao alunado a possibilidade de preservar seu perfil linguístico original, e facultado apenas àqueles que se interessam pelo tema o acesso às variantes linguísticas socialmente prestigiadas.
- (D) há preponderante exposição dos alunos às novas tecnologias e se privilegiam os gêneros textuais que delas têm sido derivados, para que não se perca o compasso com as crescentes demandas do mercado de trabalho.
- (E) professor e aluno constroem saberes que os habilitam a compartilhar sentidos, tornando língua e literatura algo que lhes possibilita compreender o mundo, agir sobre ele e vivenciar experiências nos planos social e subjetivo.

Atenção: As questões de números 65 a 71 referem-se ao texto abaixo.

Anekdota pecuniária

- 1 *Chama-se Falcão o meu homem. Naquele dia – quatorze de abril de 1870 – quem lhe entrasse em casa, às dez horas da noite, vê-lo-ia passear na sala, em mangas de camisa, calça preta e gravata branca, resmungando, gesticulando, suspirando, evidentemente aflito. Às vezes, sentava-se; outras, encostava-se à janela, olhando para a praia, que era a Gamboa. Mas, em qualquer lugar ou atitude demorava-se pouco tempo.*
- 5 *– Fiz mal, dizia ele, muito mal. Tão minha amiga que ela era! Tão amorosa! Ia chorando, coitadinha! Fiz mal, muito mal ... Ao menos, que seja feliz!*
- Se eu disser que este homem vendeu uma sobrinha, não me hão de crer; se descer a definir o preço, dez contos de réis, voltar-me-ão as costas com desprezo e indignação. Entretanto, basta ver este olhar felino, estes dois beijos, mestres de cálculo, que, ainda fechados, parecem estar contando alguma cousa, para adivinhar logo que a feição capital do nosso homem é a voracidade do lucro. Entendamo-nos: ele faz arte pela arte, não ama o dinheiro pelo que ele pode dar, mas pelo que é em si mesmo! Ninguém lhe vá falar dos regalos da vida. Não tem cama fofa, nem mesa fina, nem carruagem, nem comenda. Não se ganha dinheiro para esbanjá-lo, dizia ele. Vive de migalhas; tudo o que amontoa é para a contemplação. Vai muitas vezes à burra, que está na alcova de dormir, com o único fim de fartar os olhos nos rolos de ouro e maços de títulos. Outras vezes, por um requinte de erotismo pecuniário, contempla-os só de memória. Neste particular, tudo o que eu pudesse dizer, ficaria abaixo de uma palavra dele mesmo, em 1857.*
- 10 *[...]*
- 15 *[...]*

(Machado de Assis. **Histórias sem data**. In: **Obra completa**, vol. II, 9. imp., Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 429)



65. Considerados os fundamentos do gênero "conto" e a concepção de leitura como uma atividade de produção de sentido, é correta a seguinte afirmação sobre o excerto:
- (A) lançando mão de algumas estratégias, como a da inferência, o leitor legitimamente cria a convicção de que *o meu homem* jamais poderá remeter ao protagonista da história anunciada no título.
 - (B) valendo-se de conhecimento acerca da distribuição e configuração das informações no texto, o leitor legitimamente reconhece a voz de Machado de Assis fazendo um relato por meio do gênero textual "anedota", narrativa breve, de fato picante.
 - (C) valendo-se do conhecimento acerca do autor e da análise das marcas na superfície do texto, o leitor legitimamente reconhece a presença de uma voz que, mesmo narrando em primeira pessoa, não manifesta apreciações sobre o que narra.
 - (D) valendo-se da análise da materialidade do texto, o leitor reconhece um narrador anônimo que compartilha com o discurso do historiador tradicional o privilégio da certeza: ele não só vê *Falcão em casa, às dez horas da noite*, como sabe, com segurança, a natureza da sua aflição.
 - (E) realizando análise consistente do discurso narrativo, o leitor reconhece o espaço intersubjetivo como sendo composto por um narrador que ostenta sua presença entre o leitor e os fatos narrados; por leitores virtuais que servem como interlocutores; por um eu-personagem que expressa suas convicções.

66. Considere as assertivas que seguem.

- I. No processo de envolvimento do leitor, o narrador parte de um certo distanciamento – indiciado pela pessoa verbal empregada nas expressões *hã de crer* e *voltar-me-ão* (linhas 8 e 9) – e desliza para o emprego do “nós”, realizando a aproximação almejada – como se nota em *nosso homem* e *Entendamo-nos* (linhas 11 e 12).
- II. No processo de convencimento do leitor acerca da plausibilidade do que conta, o narrador busca argumentos objetivos, e revela encontrá-los quando afirma *basta ver* (linha 9), compondo, em seguida, descrição feita sem marcas de subjetividade.
- III. Dado que, no excerto de Machado de Assis, tem-se a linguagem em função estética, a caracterização da personagem e o contexto narrativo permitem considerar corretamente como bastante produtiva para a economia do conto a designação do *homem* como *Falcão*.

Um exame plausível da materialidade do texto, indicativa da orientação do autor no processo de construção do sentido, legitima o que se lê em

- (A) I, apenas.
- (B) I e II, apenas.
- (C) I, II e III.
- (D) I e III, apenas.
- (E) II e III, apenas.

67. *Entendamo-nos: ele faz arte pela arte, não ama o dinheiro pelo que ele pode dar, mas pelo que é em si mesmo.*

O fato linguístico corretamente reconhecível no período acima (considerado o seu cotexto) e comentado de modo conveniente está indicado em:

- (A) **emprego de expressão injuntiva** / evidencia que o narrador, por seu conhecimento superior dos fatos, se impõe ao leitor, sem a necessidade de com ele tramar pactos.
- (B) **uso de expressão própria do universo estético** / recurso para caracterizar a atitude de recusa aos fins utilitários do objeto.
- (C) **uso de expressão própria da crítica literária** / recurso para delinear o perfil psicológico daquele que só se interessa pelo que é belo.
- (D) **construção de paralelismo sintático** / recurso para evidenciar a relação de contiguidade entre o fazer artístico e as vantagens que acarreta ao autor.
- (E) **encadeamento de orações por justaposição** / cria, após os dois-pontos, sequência que vai do argumento mais concreto para o mais abstrato.

68. Dado que um texto pode revelar os ideais e concepções de um grupo social numa determinada época, é correto afirmar que o excerto de Machado de Assis deixa entrever que, no Segundo Reinado brasileiro,

- (A) as condecorações estavam associadas à condição econômica dos cidadãos que desejavam a honraria.
- (B) os novos-ricos não só alardeavam sua posição econômica privilegiada, como também buscavam coroá-la com títulos e patentes.
- (C) os títulos de nobreza eram derivados da reconhecida grandeza, do merecimento invulgar daqueles a quem eram outorgados.
- (D) a migração de classe, em busca de prestígio, exigia a adesão incontestada do migrante aos hábitos refinados do grupo em que se inseria.
- (E) a crença de que o público da literatura era predominantemente feminino estava disseminada.



Atenção: As questões de números 69 e 70 referem-se, conjuntamente, ao trecho abaixo transcrito e ao excerto de Machado de Assis.

Começou por me dizer que o seu caso era simples – e que se chamava Macário...

Devo contar que conheci este homem numa estalagem do Minho. Era alto e grosso: tinha uma calva larga, luzidia e lisa, com repas brancas que se lhe eriçavam em redor: e os seus olhos pretos, com a pele em roda engelhada e amarelada, e olheiras papudas, tinham uma singular clareza e rectidão – por trás dos seus óculos redondos com aros de tartaruga. Tinha a barba rapada, o queixo saliente e resoluto. Trazia uma gravata de cetim negro apertada por trás com uma fivela; um casaco comprido cor de pinhão, com as mangas estreitas e justas e canhões de veludilho. E pela longa abertura do seu colete de seda, onde reluzia um grillão antigo, saíam as pregas moles duma camisa bordada.

Era isto em Setembro [...]

(Eça de Queirós. "Singularidades de uma rapariga loura". In. **Obras de Eça de Queirós**. vol. I, Porto: Lello & Irmão, 1966, p. 703)

69. O cotejo dos excertos do autor brasileiro (MA) e do autor português (EQ), articulado a conhecimentos prévios, legitima a afirmação de que os trechos podem ser examinados
- (A) em sua semelhança, pelo fato de os autores pertencerem ao mesmo momento histórico-literário: a observação da realidade e os recursos estilísticos preconizados pela estética realista justificam que, em ambos os excertos, as personagens nomeadas sejam predominantemente caracterizadas por meio de suas ações.
 - (B) em sua semelhança, no que se refere ao tratamento da voz das personagens: em ambos os excertos, os recursos adotados permitem ao leitor ter acesso diretamente à maneira de falar das personagens – em MA, – *Fiz mal, dizia ele, muito mal. Tão minha amiga ela era!*; em EQ, *Começou por me dizer que o seu caso era simples – e que se chamava Macário ...*
 - (C) em sua individualidade, unicamente: o fato de EQ filiar-se ao Realismo e MA ser considerado um realista heterodoxo impossibilita a busca de afinidade entre os excertos, em qualquer plano que se considere.
 - (D) em sua diferença, no que se refere a perspectiva: em MA, o olhar do narrador seleciona detalhes do físico da personagem que são reveladores de um perfil psicológico – com economia de estilo, a *feição capital* da personagem é "adivinhada" no *olhar felino* e nos *beiços, mestres de cálculo*; em EQ, os índices de traços psicológicos são captados por disperso olhar do narrador, o que acarreta meticulosa descrição física.
 - (E) em sua semelhança e diferença, concomitantemente: identificam-se quanto ao gênero a que pertencem e ao estilo; distinguem-se pela temática, que, em função do distinto contexto dos autores, jamais poderia convergir.

70. Uma análise consistente dos excertos autoriza o seguinte comentário:

- (A) Em *a feição capital do nosso homem* (MA), o emprego de *capital* como adjetivo impede que se tire proveito, no processo de significação, das noções associadas à palavra quando empregada como substantivo, tais como "bem econômico" ou "riqueza".
- (B) Em *– por trás dos seus óculos redondos com aros de tartaruga* (EQ), o travessão foi empregado para produzir efeito expressivo singular, pois, em desvio da norma padrão escrita, não limita uma unidade sintático-semântica.
- (C) Em *Tinha [...] o queixo resoluto* (EQ) e *estes dois beiços, mestres de cálculo* (MA), nota-se procedimento similar no processo de caracterização – as expressões destacadas expandem seu sentido para além do termo que qualificam.
- (D) Em *conheci este homem numa estalagem do Minho. Era alto e grosso* (EQ), as formas verbais destacadas indicam, respectivamente, o plano de fundo (o da caracterização de espaço e personagens) e o primeiro plano (o das ações que fazem a narrativa avançar).
- (E) Em *Se eu disser* (MA) e em *Devo contar* (EQ), o modo como os narradores se comprometem com o que será dito é exatamente o mesmo.

71. Numa atividade de leitura do conto, um aluno comenta que não entendeu quase nada do que está escrito em *Vai muitas vezes à burra, que está na alcova de dormir, com o único fim de faltar os olhos nos rolos de ouro e maços de títulos*.

Levando em conta os estudos linguísticos, discursivos e pedagógicos contemporâneos, o professor deve enfrentar a questão apoiado em conceitos que dêem consistência à sua prática no processo de formação de leitores. Entre eles, o único que deve ser **rejeitado**, por sua natureza equivocada, é:

- (A) A compreensão não requer que os conhecimentos que enformam o texto e os do leitor coincidam, mas que possam interagir dinamicamente.
- (B) O autor mobiliza um conjunto de conhecimentos para a produção de um texto; espera-se, da parte do leitor, que considere esses conhecimentos (de língua, de gênero textual e de mundo) no processo de leitura e construção de sentido.
- (C) Os conhecimentos selecionados pelo autor na e para a constituição do texto "criam" um leitor-modelo. Desse modo, o texto, pela forma como é produzido, pode exigir mais ou exigir menos conhecimento prévio de seus leitores.
- (D) As circunstâncias da escrita (o contexto de produção) podem ser diferentes das circunstâncias da leitura (contexto de uso), quer no que se refere ao tempo, quer no que se refere ao espaço, com todos os aspectos que eles implicam.
- (E) A leitura é atividade interativa de produção de sentidos, que se realiza obviamente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual; qualquer entrave que aí se constitua para o leitor é impeditivo de seu avanço na busca de esclarecimentos.



Atenção: A questão de número 72 refere-se às citações abaixo.

- I. [...] a crítica de vanguarda repôs ultimamente [a partir da década de 1960] em circulação um poeta desse período que a história literária tinha relegado entre os nomes secundários, a reboque dos condoreiros: Joaquim de Sousa Andrade, ou, como ele mesmo preferia chamar-se, Sousândrade [Guimarães, MA, 1833 - São Luís, 1902].
Trata-se de um espírito originalíssimo para seu tempo [...].

(Alfredo Bosi. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2000, p. 125)

- II. Hans Robert Jauss [...], ao jeito de [Georg] Gadamer, procura situar a obra literária num "horizonte" histórico, o contexto dos significados culturais dentro dos quais ela foi produzida, para em seguida explorar as relações variáveis entre ela e os "horizontes", também variáveis, dos seus leitores históricos.

(Terry Eagleton. **Teoria da literatura**: uma introdução. trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fonte, 2003, p. 114)

72. Afirma-se com correção que:

- (A) em I, o período a que se refere o crítico é o Romantismo; II explicita a perspectiva segundo a qual tradicionalmente é estabelecido o cânone literário.
- (B) II deixa entrever o leitor como aquele que materializa o texto literário, que resgata os sentidos estáveis nele fixados pelo autor.
- (C) I e os pressupostos de II permitem o reconhecimento da natureza incerta dos cânones literários e sua dependência de uma estrutura de valor culturalmente específica.
- (D) I constata que a crítica, grupo uniforme e permanente de especialistas, revê periodicamente seu ordenamento da história literária.
- (E) I e II, ainda que tratando do mesmo fenômeno cultural – a literatura –, focalizam aspectos que não se tangenciam: I trata da recepção de uma obra; II descreve atitude crítica que centra sua atenção nas intenções do autor.

Atenção: As questões de números 73 a 77 referem-se aos dois textos abaixo.

- I. (...) só podemos entender [a obra de arte] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava [a obra] pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura [da obra] é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura [da obra], tornando-se, portanto, interno. (...) Nesse caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte.

(Antonio Candido. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, 2. ed., pp. 4 e 7, *passim*).

II. **Traduzir-se**

Uma parte de mim
é todo mundo;
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão;
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta;
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente;
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem;
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?

(Ferreira Gullar. **Poesia completa, teatro e prosa**. Rio: Nova Aguilar, 2008, pp. 293-94.)



73. Uma leitura atenta do fragmento crítico de Antonio Candido e do poema de Ferreira Gullar permitirá formular a seguinte relação comparativa entre esses textos:
- (A) opõem-se de modo inconciliável, já que a síntese crítica do primeiro considera um movimento dialético entre arte e sociedade que não tem relevância para o segundo.
 - (B) divergem quanto ao gênero, tema e orientação discursiva, uma vez que o texto crítico se desenvolve apoiado em conceitos, ao passo que o poético não conta senão com imagens.
 - (C) aproximam-se pela aspiração idealista a que dão voz, segundo a qual a arte deve ser a depuração de todas as virtudes sociais, eliminando o prosaísmo e o peso das experiências cotidianas.
 - (D) aproximam-se pela preocupação em refletir, cada um em seu próprio registro discursivo, o diálogo interativo que estabelecem entre si a obra de arte e o contexto social.
 - (E) divergem quanto a pressupostos de valor, uma vez que o crítico subordina o valor artístico da obra à representatividade social, ao passo esta que é vista pelo poeta como limite a ser evitado.
-
74. Em seu excerto, como aliás ocorre ao longo dos ensaios de seu livro **Literatura e sociedade**, Antonio Candido considera uma *interpretação dialeticamente íntegra* da obra de arte a operação de leitura pela qual
- (A) a relevância dada aos *fatores externos* seja de tal ordem que se torna imprescindível tomá-los como um fator de causalidade, a partir da qual se explica a constituição dos *fatores internos*.
 - (B) a autonomia da função estética dos *fatores internos* seja vista como preponderante e decisiva para a formalização e a expressão dos *fatores externos* à obra de arte.
 - (C) se reconheça que os *fatores externos*, tantas vezes já dissociados da representação estética, tomam parte na estrutura mesma da obra de arte, como elementos ativos e constitutivos desta.
 - (D) se reconheça que os *fatores internos* de uma obra de arte, vistos por muitos como desvinculados de contextos históricos, são, de fato, uma expressão direta de temas sociais.
 - (E) se reconheça que tanto os *fatores internos* de uma obra como os *externos* a ela ganham relevância apenas quando já não se distinguem uns dos outros, abolindo-se a especificidade do social e a do estético.
-
75. O poema de Ferreira Gullar está construído segundo uma estruturação marcada por grande regularidade, para a qual concorrem os seguintes procedimentos:
- (A) simetria sintática, divisão binária das estrofes e jogo de antíteses.
 - (B) reiteraões abusivas, figuração hermética e dispersão de paradoxos.
 - (C) perguntas retóricas, versos bimembres e jogo de antíteses.
 - (D) reiteraões abusivas, simetria sintática e figuração hermética.
 - (E) divisão binária das estrofes, dispersão de paradoxos e versos bimembres.
-
76. Tanto do texto crítico de Antonio Candido como do poema de Ferreira Gullar é correto deduzir a possibilidade de uma operação dialética de **participação**, tal como sugerem as seguintes passagens:
- I. (...) *a estrutura da obra é virtualmente independente* (...)
 - II. (...) *assimilou a dimensão social como fator de arte*.
 - III. (...) *explicava [a obra] pelos fatores externos* (...)
 - IV. (...) *uma parte de mim / é todo mundo; / outra parte é ninguém* (...)
 - V. *Traduzir uma parte / outra parte / - que é uma questão / de vida ou morte* (...)
- Atende ao enunciado o que está APENAS em
- (A) I e IV.
 - (B) I e V.
 - (C) II e V.
 - (D) III e IV.
 - (E) III e V.
-
77. A pergunta formulada por Ferreira Gullar na estrofe final do poema enseja uma ampla discussão, cabendo ao leitor
- (A) concluir que a arte, embora não chegue a ser uma questão de vida ou morte, tem grande importância em nossa vida.
 - (B) reconhecer que o exato sentido atribuído pelo poeta a *traduzir é explicar, ilustrar*, conforme as relações estabelecidas entre as "partes".
 - (C) ponderar as incertezas que assaltam os artistas, quando estes, em vez de produzirem arte, se põem a refletir sobre ela.
 - (D) considerar as diferentes respostas para a pergunta do poeta, com o propósito de ajudá-lo a superar sua falsa questão.
 - (E) compreender o que seja *traduzir uma parte na outra*, levando em conta o contexto do poema e o sentido aventado para arte.



Atenção: Texto para as questões de números 78 e 79.

O poeta Álvares de Azevedo não chegou a ver publicado seu livro de poemas **Lira dos vinte anos**, para o qual escreveu dois prefácios, atendendo à divisão interna do volume. Transcrevem-se abaixo dois fragmentos, um de cada prefácio:

- I. *São os primeiros cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeira vozes do sabiá não têm a doçura dos seus cânticos de amor. É uma lira, mas sem cordas; uma primavera, mas sem flores; uma coroa de folhas, mas sem viço. Cantos espontâneos do coração, vibrações doridas da lira interna que agitava um sonho, notas que o vento levou – como isso dou a lume essas harmonias.*
- II. *Cuidado, leitor, ao voltar esta página. Aqui dissipa-se o mundo visionário e platônico. (...) O poeta acorda na terra. (...) tem nervos, tem fibra e tem artérias – isto é, antes e depois de ser um ente idealizado, é um ente que tem corpo. E, digam o que quiserem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não há poesia.*

78. Esses fragmentos mostram que Álvares de Azevedo tinha consciência de que seu livro de poemas fora concebido

- (A) de modo que os últimos poemas, apresentados em II, constituíssem uma intensificação do lirismo puro e ingênuo, apresentado em I.
- (B) segundo inclinações opostas de sua poesia romântica, a que se realiza como lirismo idealizado e a que assume certa condição autocrítica.
- (C) para promover um diálogo, genuinamente romântico em cada um dos momentos, entre a parte satírica e a parte cômica de sua produção poética.
- (D) de modo que, em ambas as partes, mas de modos distintos, o poeta manifestasse sua desconfiança diante da lírica romântica.
- (E) para promover uma antítese entre sua poesia nativista e bucólica, do primeiro momento, e sua lírica urbana, do segundo momento.

79. Atente para as seguintes afirmações:

- I. Considerando-se o contexto, é correto agrupar em dois campos semânticos, sugestivos e distintos entre si, os elementos: *sabiá, primavera, flores*, de um lado, e *nervos, corpo e fibra*, do outro.
- II. As duas expressões com função conativa, *Desculpai-os*, em I, e *Cuidado, leitor*, em II, devem ganhar inflexões bem distintas, na leitura, para fazerem jus às diferentes convocações do poeta.
- III. Os versos *Poetas! Amanhã ao meu cadáver / Minha tripa cortai mais sonora!...* e os versos *As ondas são anjos que dormem no mar, Que tremem, palpitam banhados de luz*, ilustram, na ordem dada, as vertentes poéticas que Álvares de Azevedo apresenta em I e II.

Está correto o que se afirma em

- (A) I e II, apenas.
- (B) I, II e III.
- (C) I e III, apenas.
- (D) II, apenas.
- (E) II e III, apenas.

80. Lévi-Strauss definiu o “pensamento selvagem” (...) como capaz de compor e recompor configurações a partir de conteúdos díspares esvaziados de suas primitivas funções, [operação que os franceses chamam de **bricolage**]. Aceitando a hipótese, dir-se-á que Mário de Andrade fez **bricolage** em **Macunaíma**: não só de lendas indígenas, que usou livremente na sua rapsódia, mas de modos de contá-las, isto é, de estilos narrativos.

(Alfredo Bosi. **História concisa da Literatura Brasileira**. S. Paulo: Cultrix, 1972, 3. ed., p. 399)

No trecho acima, o crítico está considerando um procedimento artístico muito utilizado nos primeiros momentos do Modernismo de 22, por meio do qual

- (A) se esgarçam as fronteiras entre diferentes gêneros, linguagens e humores, do que resulta, por exemplo, um romance nada convencional, como **Memórias sentimentais de João Miramar**, de Oswald de Andrade.
- (B) se revelam sedutoras propriedades de mitos antigos, com os quais se restaura uma memória épica como a que anima o desenvolvimento do romance **O amanuense Belmiro**, de Ciro dos Anjos.
- (C) se dissolvem as diferenças já consagradas entre poesia e prosa, dando margem a um novo estatuto poético, o **poema em prosa**, cujo marco foi o livro **Sentimento do mundo**, de Carlos Drummond de Andrade.
- (D) se combinaram o estilo elevado da ficção e o estilo mais pedestre da linguagem jornalística, de modo a se constituir um gênero híbrido, de que é exemplo a prosa de **Quarup**, de Antonio Callado.
- (E) se recupera, em nova chave ideológica, o prestígio do nacionalismo, mais uma vez identificado com nossas raízes folclóricas e nossa arte popular, como ocorre nos poemas de **Cobra Norato**, de Raul Bopp.